

TRADUÇÃO

Recordando François Fédier

Recordando a François Fédier

Jorge Acevedo

Universidad de Chile¹

Tradutor:²

Ademir Menin

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE³

François Fédier nasceu em 1935 em Paris e morreu na mesma cidade aos 28 de abril de 2021.

Conheci François Fédier em meados de 1973 na Escola de Arquitetura da Universidade de Valparaíso. Tive a sorte de participar de dois seminários que ali deu: um sobre as teses a Feuerbach de Marx e outro sobre Arthur Rimbaud. Me chamaram a atenção profundamente algumas ideias que Fédier fazia pensar. Uma delas foi: “é preciso ser absolutamente modernos”, de Rimbaud; a outra, “falar por falar, tal é a fórmula da liberação”, de Novalis. Um tanto desapontado, me perguntava se esse jovem professor, acompanhado por seus estudantes de *khâgne* – homens e mulheres –, não estaria esquecendo-se da crítica de Heidegger à modernidade e o seu questionamento do *se diz*, da fala cotidiana. O fato de estar usando calças boca de sino aumentava a minha estranheza interiorana diante do visitante. Por sorte, a admiração e respeito que suscitava entre os grandes mestres da filosofia no Chile fizeram com que tal suspeita se dissipasse rapidamente.

¹ E-mail: joaceved@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2634-4368>

² Revisão técnica do Prof. Dr. R. S. Kahlmeyer-Mertens (UNIOESTE)

³ E-mail: ademirmenin@gmail.com, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6897-9687>

Tradutor

Ademir Menin

Toledo, v. 5, n.º 1 (2022) p. 254-258

Foi discípulo de Jean Beaufret e de Martin Heidegger. Foi encarregado da publicação da *Edição Integral (Gesamtausgabe)* deste último junto à Editorial Gallimard de Paris. A tarefa lhe foi confiada pelo próprio Heidegger.

Foi codiretor do *Le Dictionnaire Martin Heidegger: Vocabulaire polyphonique de sa pensée*. Dentre as suas numerosas obras se contam: *Interpretación, Voix de l'ami, Totalitarismo e nichilismo*.

Trabalhou lado a lado com Heidegger na fase final da vida do filósofo. Assim, por exemplo, nos seminários de Thor (1966, 1968 e 1969), realizados na França e em Zähringen (1973), realizados na Alemanha. Os protocolos desses importantes seminários foram recolhidos no volume 15, *Seminare*, da *Gesamtausgabe*⁴. Em francês, aparecem na obra de Heidegger sob o título *Questions IV*⁵.

Existem dois livros seus em castelhano: *Voz del amigo y otros ensayos em torno a Heidegger*⁶ e *Cinco intentos filosóficos*⁷. A propósito da publicação de *Voz del amigo*, Juan Rodríguez Medina o entrevistou através de e-mail. O texto correspondente aparece em "Artes y Letras" do *El Mercurio* de Santiago (27 de agosto de 2017, p. E-6).

Rodríguez diz ali que em 1958, Heidegger visitou a Universidade de Aix-em-Provence, no sul da França, para dar uma conferência sobre Hegel e os gregos. Entre os espectadores estava Fédier. Ele tinha vinte e dois anos, Heidegger estava com os seus sessenta e nove. "Posteriormente, não deixei de vê-lo até 1974, dois anos antes da sua morte. Desse modo, pude observar esse homem durante quase vinte anos".

Pascal David, filósofo francês, indica que Fédier trabalhou na elaboração de novas vias para traduzir e interpretar rigorosamente o pensamento de Heidegger; além do mais, formou numerosos tradutores na experiência de traduzir, dentre os quais, o próprio Pascal David. O seu trabalho, acrescenta, não cessou de implicar as mais altas exigências no que se refere às traduções de Heidegger, o qual comportou o fato de nunca ceder às facilidades de uma tradução convencional, acadêmica. Deixa de lado a evasiva linguagem estereotipada (a "*langue de bois*") para, com todo o rigor próprio da fenomenologia, dar a ver e a entender aquilo que traduz do alemão para o francês. Se aceitamos que houve o que foi conveniente chamar de uma "recepção" de Heidegger na França – no sentido positivo dessa expressão –, ele não foi somente a pedra angular. É a alma mesmo dessa "recepção"⁸.

O filósofo chileno-espanhol Francisco Soler Grima – discípulo de José Ortega y Gasset e Julian Marías – considerava François Fédier e Jean Beaufret como os máximos expoentes do pensamento surgido das meditações de Heidegger. Afirma enfaticamente que Jean Beaufret, juntamente com François Fédier e um pequeno grupo de discípulos, são quem tomou Heidegger com a seriedade que vem ao caso e continuam pensando, em fiel e livre discipulado, o âmbito pensante aberto pelo mestre

⁴ Vittorio Klostermann, Frankfurt a. M., 1986.

⁵ Gallimard, París, 1976.

⁶ Edições da Universidade Diego Portales, Santiago, 2017.

⁷ Viña del Mar, 2019, tradução de Francisco Méndez Labbé –falecido em fevereiro de 2021–, prólogo de Abel González Rojas.

⁸ Veja-se, *Le Dictionnaire Martin Heidegger*, Cerf, Paris, 2013, p. 479.

de Friburgo. Sem alguma dúvida, os *Dialogue avec Heidegger*, 3 volumes, é o maior que se publicou acerca de Heidegger, junto com os breves tratados de Fédier (por exemplo, “Parole-Poème-Sacré”. Revista *Liberté* de Montreal), prólogos e notas iluminadoras às suas traduções de Heidegger. Beaufret e Fédier estão pensando na França⁹.

Jorge Eduardo Rivera, a quem devemos a segunda tradução de *Sein und Zeit* em castelhano, manifesta que, por um lado, o constante diálogo com o professor Friedrich-Wilhelm von Herrmann e, por outro, conversações ocasionais com o professor Hans-Georg Gadamer e com o professor Max Müller, ajudaram na compreensão mais exata de algumas passagens especialmente difíceis dessa obra fundamental de Heidegger. Também devo mencionar aqui – agrega – alguns encontros com François Fédier e com o tradutor francês de *Sein und Zeit*, François Vezin, os quais precisaram analisar alguns pontos particulares do texto. O resultado foi um texto muito mais claro e compreensível¹⁰.

Participou em 1965 da travessia *Amereida*, que partiu do Chile, passou pela Argentina e chegou à Bolívia, projetando inicialmente chegar à Venezuela, de acordo com o que indicou Fédier no vídeo “La invención de un mar. Amereida 1965/2017”, de autoria do cineasta chileno Javier Correa. Ademais, foi um dos fundadores da Ciudad Abierta, situada ao norte de Valparaíso. Estes e outros feitos mostram a sua especial proximidade com o nosso país.

Em 1981 tive a sorte e a honra de participar de um seminário dirigido por ele em Santiago acerca de pensar e ser em Heidegger, que teve como base a carta que o filósofo dirigiu a Hartmut Buchner, recolhida posteriormente como epílogo da conferência “La cosa” (uma versão dessa carta em castelhano – devida ao mesmo Fédier, Francisco Soler e Maria Teresa Poupin – aparece em *Filosofía, Ciencia y Técnica*). Redigi os protocolos que, no momento certo, receberam a aprovação do filósofo francês. Se trata de algo único. De fato, apesar de Fédier ter dado vários cursos e dirigido vários seminários no nosso país, somente o seminário sobre uma “Carta a um jovem estudante”, de Heidegger, conta – pelo que conheço – com protocolos que dão conta das suas lições no Chile, proporcionando um testemunho escrito de suas viagens filosóficas neste recanto da América do Sul, onde veio pela primeira vez em 1962. Participaram desse seminário proeminentes membros da nossa intelectualidade, como Mario Góngora del Campo, Godofredo Iommi Marini, Eduardo Kähs Loyola –, prematuramente desaparecido – Héctor Carvalho Castro, que faleceu em maio de 2020, Miguel Eyquem Astorga, que veio a falecer em março de 2021.

Nos anos seguintes, Fédier teve a gentileza e a generosidade de me enviar as suas publicações – livros, artigos, traduções. Mantivemos correspondência – primeiramente por cartas e logo mais por e-mail. Em certo momento, o meu amigo Jaime Sologuren e eu fizemos traduções dos seus textos. Essa tarefa culminou na edição e publicação de

⁹ Veja-se o seu prólogo a *Filosofía, Ciencia y Técnica*, Editorial Universitaria, Santiago, 7ª ed., 2019, p. 55.

¹⁰ Veja-se o seu prólogo a *Ser y Tiempo*, Ed. Universitaria, Santiago de Chile, 1997, p. 18.

Voz del amigo, à qual participaram também Miguel Eyquem, Pablo Ortúzar, Federico Camino e Fernando Guerrero. Na obra foi recolhida a tradução de Francisco Soler de uma carta a Fédier a Robert Marteau que versa sobre a palavra, o poema e o sagrado.

Continuei traduzindo textos seus sobre a arte e sobre como ler a obra de Heidegger. Em relação aos primeiros: neles não tem uma meditação acerca da arte e só dela, abstratamente considerado – ainda que só isso seria suficiente. Junto com o pensar o dito fenômeno, Fédier reflete sobre o ser do homem, acerca do que *é* o ser humano e do que *deveria ser* para estar à altura de si mesmo. Neles se poderá encontrar pensamentos da maior importância em relação à vida humana – histórica, no mundo e convivendo com os outros homens – que esclarecem a própria existência. Isso significa que, apesar do autor levar muito em consideração o pensamento e a obra dos artistas mesmos – pintores, musicistas, poetas – e não só as teorias estéticas, esses textos estão escritos a partir de um ponto de vista filosófico.

Em relação aos segundos, abandona-se o patamar das más interpretações de Heidegger, filósofo que move – através de Jean Beaufret – o fazer pensante de Fédier. Ao mesmo tempo, neles são proporcionadas chaves de interpretação da vida e do pensamento de Heidegger que permitem compreendê-los de acordo com a sua efetiva realidade, o que, certamente, se traduz em benefício para o leitor. Dito de outro modo: Fédier continua – certamente de maneira muito pessoal – o filosofar de Heidegger e de Beaufret. Para entender essa filosofia tal como é, surge a necessidade de mostrar os preconceitos desorientadores em relação ao pensador alemão, bem como trilhar vias de acesso à sua obra que sejam fecundas para quem se aproxima delas. O nosso autor dedicou-se a ambas as tarefas de maneira exemplar. O chamado de Fédier ao leitor é que se assuma a si mesmo como alguém escrupuloso e responsável, de modo tal que seja beneficiado com a leitura de Heidegger, visto que, segundo ele, “a experiência mostra que todo o leitor que aborda serenamente o pensamento desse autor não tarde em entender como esse pensamento faz um chamado ao melhor de si – o que nunca, em ninguém, falta totalmente”¹¹.

Em 2019 Féder publica o seu último livro, *Tenir Entretenir S'entretenir*, cujo título é de difícil tradução. Gentilmente me escreveu para me esclarecer como tinha que traduzir em castelhano: “Uma observação sobre o título: - Em francês as três palavras giram em torno ao verbo “*tenir*” – tomado no seu sentido mais imediato – aquilo que se expressa com a locução “*tenir bon*” = esforçar-se por ser firme, não deixar-se levar - . *Entretenir* (por exemplo, “cuidar de um jardim”) significa não deixar de cuidá-lo para que sempre esteja em sua melhor forma. Também podemos dizer: cuidar da sua saúde. - Enquanto a expressão *s'entretenir* – deve ser entendida a partir do significado de “*entretenir*” como: cuidar das relações com os demais, portanto, falar com os outros, ou seja, em primeiro lugar, escutá-los”. Traduzi, pois, desse modo: “Firmeza Cuidado Escuta”.

¹¹ “Cinco perguntas a propósito de Heidegger”; *Límite* Volumen 12, Nº 39, Arica (Chile), 2017, p. 85.

Na sua plena maturidade, Ortega fez algumas observações acerca da maneira de pensar, do estilo e do método filosófico de Heidegger. Disse, em primeiro lugar, que quero parecer-me ao nosso grande Heidegger, que não gosta, como os outros homens, de deter-se somente nas coisas, mas no todo – e isso é muito peculiar nele – nas palavras¹². Em segundo lugar, mostra que o estilo filosófico de Heidegger, tão egregiamente realizado, consiste sobretudo em etimologizar, em acariciar a palavra na sua raiz mais profunda¹³. E explicitando a ideia anterior, indica que Heidegger toma uma palavra [...] e remove as aparas. Pouco a pouco, a partir do minúsculo ventre do vocábulo, vão saindo “humanidades”, todas as dores e alegrias humanas e, finalmente, o Universo inteiro. Heidegger, como todo o grande filósofo, deixa as palavras grávidas, e destas emergem logo as mais maravilhosas paisagens com toda a sua flora e toda a sua fauna¹⁴.

Pois bem, em “Firmeza Cuidado Escuta” podemos perceber uma maneira insigne em que se assume – mediante uma *mudulación muy personal* – o modo de pensar, o estilo e o método do pensador de Friburgo. Fédier se detém especialmente nas palavras, busca o seu verdadeiro sentido – o que os antigos chamavam de *etymon* da palavra – e faz aparecer diante dos nossos olhos realidades nunca vistas antes por ninguém.

Quem dera que a obra de Fédier alcance maior presença no âmbito da língua castelhana; sem dúvida, para o benefício dos falantes da língua espanhola. Seria a melhor maneira de recordar tão proeminente trabalhador e cultivador da filosofia, inscrito na per-duração do pensar.

Trazendo à memória as palavras de René Char diante da morte de Albert Camus, digamos, em referência a François Fédier: *com ele que queremos deixamos de falar, porém o silêncio não se fez.*

Submetido: 17 de janeiro de 2022

Aceito: 28 de janeiro de 2022

¹² “El mito del hombre allende la técnica”. *Obras Completas VI*, Ed. Taurus, Madrid, 2006, p. 81.

¹³ “En torno al “Coloquio de Darmstadt, 1951””. *Ibid.*, p. 808

¹⁴ *Ibid.*, pp. 802, 808, 806.